

A IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DA *VIRADA* *NARRATIVA* PARA O ESTUDO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Sidney de Moraes Sanches¹

RESUMO

Esse artigo descreve a virada paradigmática em favor da narrativa e examina suas possibilidades para o Sujeito contemporâneo enquanto conhecedor de si e da realidade que o cerca. Essa mudança epistemológica se faz desde um empreendimento multidisciplinar dentro das Humanidades que será apresentada a partir de cada uma de suas disciplinas, identificando e organizando os elementos comuns e díspares nas aproximações ao uso da narrativa. A pergunta é se a virada paradigmática em favor da narrativa – *narrative turn*, constitui uma mudança epistemológica consistente com as exigências de explicação e justificação deste Sujeito contemporâneo e sua busca por sentido na experiência que faz do mundo. Ao final, colocaremos a necessidade de prosseguir essa análise em busca de certas convergências e divergências entre esses estudos a fim de perceber se, de fato, é justificável falar de uma *virada paradigmática em favor da narrativa* para estudo do Sujeito contemporâneo.

Palavras-chaves: Paradigma; narrativa; sujeito; contemporaneidade.

ABSTRACT

This article describes the paradigmatic turn in favor of the narrative and examines its possibilities for the contemporary Subject as a knower of the self and of the reality that surrounds it. This epistemological change is made from a multidisciplinary endeavor

¹ Doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Professor na Faculdade Nazarena do Brasil, onde é Diretor Acadêmico e Coordenador do Bacharelado em Teologia.

inside the Humanities, which will be presented from each one of its disciplines, identifying and organizing the common and disparate elements in the approximations to the use of the narrative. The question is if the paradigmatic turn in favor of the narrative – narrative turn – constitutes a consistent epistemological change with the requirements of explanation and justification of this contemporary Subject and its search for the meaning in the experience that makes the world. At the end, we will put the need to continue this analysis searching certain convergences and divergences between these studies aiming to apprehend if, in fact, it is justifiable to speak of a paradigmatic turn in favor of the narrative for the study of the contemporary Subject.

Keywords: Paradigm; narrative; subject; contemporaneity.

INTRODUÇÃO

A narrativa é uma maneira de alguém falar indiretamente da existência humana, destacando as suas transformações e mudanças. O seu assunto são os acontecimentos que envolvem pessoas ou sociedades localizadas em uma determinada história, cujas vidas foram alteradas, estão sendo alteradas ou serão alteradas na medida em que o tempo passa. Portanto, antes que houvesse a ciência da História, narrativas circulavam livremente, de forma oral ou escrita, entre as civilizações.²

O ato de narrar aparece em cada sociedade humana conhecida pela história e pela antropologia. Todos os seres humanos, em suas sociedades, aprendem como produzir e transmitir narrações desde muito cedo. Contudo, a maneira pela qual uma ou mais pessoas narram acontecimentos umas às outras, varia bastante de lugar para lugar, de tempo para tempo, de sociedade para sociedade.

² “O que define o componente narrativo do texto é a mudança de situação, a transformação. Narrativa, é, pois, uma mudança de estado operada pela ação de uma personagem.” FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1999. p. 227; NARRATIVE. PRINCE, Gerald. *Dictionary of narratology*. Nebraska: Lincoln & London, 2003. p. 58-61.

Esse artigo descreve a virada paradigmática em favor da narrativa e examina suas possibilidades para o Sujeito contemporâneo enquanto conhecedor de si e da realidade que o cerca. Essa mudança epistemológica se faz desde um empreendimento multidisciplinar: da Filosofia, da História cultural e oral, das Ciências Sociais, da Análise do Discurso, da Psicologia, da Antropologia, da Literatura, da Religião, da Teologia, constituindo inclusive um campo literário próprio denominado Narratologia.

O objetivo geral é examinar a virada paradigmática em favor da narrativa – *narrative turn*, a partir do seu uso no desenvolvimento atual dos estudos do Sujeito contemporâneo pelas Humanidades em geral, e se esta constitui uma mudança epistemológica consistente com as exigências de explicação e justificação deste Sujeito contemporâneo e sua busca por sentido na experiência que faz do mundo. Para alcançá-lo, buscaremos identificar e organizar os elementos comuns e díspares nas aproximações ao uso da narrativa nas diversas disciplinas das Humanidades.

Ao final, colocaremos a necessidade de prosseguir essa análise em busca de certas convergências e divergências entre esses estudos em termos de: origem pelo interesse na narrativa, abordagens à teoria literária da narrativa, metodologia da narrativa adotada, resultados para o saber a ser constituído e os efeitos a partir de estudos empíricos efetivamente realizados. Uma vez identificados os elementos comuns e diversos, é possível organizá-los a fim de perceber se, de fato, é justificável falar de uma *virada paradigmática em favor da narrativa* para estudo do Sujeito contemporâneo.

1 A NARRATIVA COMO CRIADORA DA CULTURA HUMANA

Segundo Stephen Crites, as pessoas têm variadas maneiras de se expressar, fazendo adaptações desde as possibilidades que a sua cultura lhe oferece. Uma e a principal, dentre estas muitas maneiras, é “contar

histórias”.³ As narrativas permitem às pessoas falar de si mesmas de um modo particular e coerente.

Essas narrativas se realizam a partir de uma espécie de história sagrada ou religiosa. Crites as define como histórias que ao longo do tempo têm criado um espaço para o ser humano viver, no qual ele habita e se sente à vontade consigo mesmo. A partir da história sagrada, os seres humanos criam suas histórias mundanas. Estas servem para exteriorizar o que há de mais profundo na consciência humana, de modo a chegar até a realidade objetiva da experiência humana. Para falar de sua experiência no mundo, o ser humano busca histórias que estão na profundidade da sua consciência, de modo que a consciência se constitui na forma mediadora entre a história sagrada e as histórias que os seres humanos contam para articular seu sentido de realidade da experiência.

Desse modo,

[...] nosso senso de identidade pessoal depende da continuidade da experiência através do tempo, uma continuidade que faz a ponte mesmo entre o passado lembrado e o futuro projetado. Mesmo quando ele está amplamente implícito, mesmo que não vividamente autoconsciente, nosso senso de nós mesmos é em cada momento e em alguma extensão integrado em uma única história (CRITES, 1971, p. 302).

Segundo Roland Barthes,

[...] inumeráveis são as narrativas do mundo. É de início uma variedade prodigiosa de gêneros, eles próprios distribuídos entre substâncias diferentes, como se toda matéria fosse boa para o homem confiar-lhe a sua narrativa; a narrativa pode ter como suporte a linguagem articulada, oral ou escrita, a imagem, fixa ou móvel, o gesto e a mistura ordenada de todas as substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela,

³ CRITES, Stephen. The quality narrative of experience. *Journal of American Academy of Religion*. Vol. XXXIX (1971) 291-311. A expressão inglesa é: *storytelling*, que, literalmente, quer dizer: contando ou narrando uma história. Esta pode identificar uma diversidade de gêneros narrativos literários: conto, narrativa, crônica, novela, lenda, história, anedota.

na epopéia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, no quadro pintado... nos vitrais, no cinema, nas histórias em quadrinhos, nas notícias de jornal, na conversa. Além disso, sob essas formas quase infinitas, a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa... a narrativa está sempre presente, como a vida.⁴

2 O INTERESSE CONTEMPORÂNEO PELA NARRATIVA

O atual interesse pela narrativa repercute a evidente época de mudanças epistemológicas paradigmáticas que se vive desde há algum tempo nas sociedades ocidentais e globalizadas. Justificativas para este interesse recente são: o cansaço e esgotamento da razão discursiva; a nostalgia pelos mitos originais da experiência humana; a falta de sentido em uma história regida por fatos e documentos empoeirados; a simples constatação de que os seres humanos são, por natureza, narradores dos acontecimentos que experimentam e que apreciam as histórias que narram.

Um dos mais significativos sinais desta mudança se refere à revalorização das narrativas como forma privilegiada, não somente da veiculação do conhecimento, mas da explicação e justificação da existência humana por meio delas. A esta mudança epistemológica, alguns chamam *narrative turn*, ou “virada em favor das narrativas”. A sua importância foi destacada do seguinte modo por Paulo Ghiraldelli Júnior:

Vivemos numa época em que o que chamamos de “realidade” ganhou dimensões plurais o suficiente para que tenhamos o cuidado de vermos que o que levávamos aos alunos como “apresentação da realidade” é uma questão problemática, debatida não só pela teoria ou por *cosmóvisões*, como disse Max Weber,

⁴ BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 103,104.

mas por *narrativas de um modo geral* – narrativas cinematográficas, da literatura, das artes em geral, da “indústria cultural”.⁵

3 A IMPOSIÇÃO DO PARADIGMA EPISTEMOLÓGICO NARRATIVO NOS ESTUDOS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Nas Humanidades, o paradigma epistemológico narrativo vem se impondo desde a segunda metade do século passado, e, hoje, não é possível falar do humano, seja para entendê-lo, seja para explicá-lo e justificá-lo, sem falar das suas narrativas. Devido a esta constatação, as Humanidades vêm se esforçando por fundamentar o seu saber no próprio ser humano como sujeito conhecedor e atuante na sua realidade enquanto constituído e constituidor desta a partir das próprias narrativas.

Essa mudança epistemológica se faz desde um empreendimento multidisciplinar: da Filosofia, da História cultural e oral, das Ciências Sociais, da Análise do Discurso, da Psicologia, da Antropologia, da Literatura, da Religião, da Teologia, constituindo inclusive um campo literário próprio denominado Narratologia.

Existem certas convergências e divergências entre esses estudos em termos de: origem pelo interesse na narrativa, abordagens à teoria literária da narrativa, metodologia da narrativa adotada, resultados para o saber a ser constituído e os efeitos a partir de estudos empíricos efetivamente realizados. Uma vez identificados os elementos comuns e diversos, é possível organizá-los a fim de perceber se, de fato, é justificável falar de uma *virada epistemológica paradigmática em favor da narrativa* nas ciências do humano.

O que une a todos é a constatação da insuficiência dos modelos epistemológicos tradicionais baseados na unilinearidade lógica do pen-

⁵ GHIRALDELLI JR., Paulo. *Filosofia da educação*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2002. p. 62.

sar técnico moderno perante a multilinearidade das complexas conexões de redes, e teias e links que caracterizam o humano contemporâneo. A narrativa seria mais adequada ao conhecimento do sujeito e sua realidade, facilitando-lhe o acesso ao sentido de sua vivência contemporânea.

Conforme Jens Brockemeier,

O crescente interesse pelo estudo da narrativa sugere a emergência de um outro caminho para o movimento dos novos paradigmas e de um aprimoramento do método científico pós-positivista. Este caminho parece prometer mais do que um novo modelo lingüístico, semiótico e cultural. De fato, o que vem sendo chamado de transformação ou virada discursiva e narrativa, na Psicologia e nas outras ciências humanas, deve ser visto como parte de transformações tectônicas mais amplas em nossa arquitetura cultural do conhecimento, que se seguiram à crise do conhecimento (episteme) moderno.⁶

É comum associar esta mudança epistemológica paradigmática a outra mudança fundamental na cultura ocidental e global: a dissolução do sujeito autoconsciente de si a partir de uma metafísica totalizante, isto é, as metanarrativas. Esta discussão filosófica foi colocada por meio da obra de Jean-François Lyotard.⁷

Lyotard entende por metanarrativa o saber técnico-científico que presume a onipotência, a onisciência e a onipresença do ser humano. Este saber se apoia em um único discurso capaz de justificá-lo e legitimá-lo: o científico-racional. Este tende a se legitimar a partir de uma única narrativa da sociedade humana: a de que esta é uma em sua experimentação e representação da realidade. Ele tende a se justificar

⁶ BROCKMEIER, Jens. *Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo*. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica* 16/3 (2003) 525-535.

⁷ LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

por meio de uma postura pragmática em relação à sociedade: produz uma quantidade inimaginável de informações que gera um grande aumento da produtividade e a economia de recursos. O saber narrativo, por sua vez, constitui uma pluralidade de jogos de linguagem, com regras pragmáticas próprias, envolvendo todos os participantes, constituindo o vínculo social entre eles. Este se atualiza continuamente na repetição da narrativa, formando e legitimando a identidade de qualquer um que é capaz de repeti-la, além de possibilitar a integração dos saberes.

4 A PROPOSTA DO PARADIGMA EPISTEMOLÓGICO NARRATIVO NOS ESTUDOS DIVERSOS DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

Um dos primeiros desenvolvimentos se dá na Ética, quando se passou a prestar mais atenção, sobretudo entre os teólogos moralistas, no uso das narrativas como espaço privilegiado para a releitura, interpretação ou representação do pensamento ético de um autor ou da mensagem ética da narrativa, presente na obra literária, cinematográfica e nas Artes em geral. Igualmente, a narrativa é usada para identificar e avaliar os valores morais e a conduta ética da época refletida nestas obras. A narrativa tanto pode ser usada para a demonstração do desenvolvimento e acontecer histórico da ética, quanto para esclarecimento ou aplicação de conteúdos morais, cuja formulação filosófica e teológica é de difícil acesso e compreensão aos não iniciados.

Paul Ricoeur atribuiu à narrativa o papel da construção da identidade pessoal do indivíduo. Esta se faz pelo desenvolvimento semelhante ao de uma intriga narrativa ao longo do tempo. Nela, o sujeito busca o que lhe é próprio em meio à *mesmidade* das coisas que o cercam e que lhe acontecem, portanto, a sua *ipsidade* ou seu si-próprio. Sem acesso direto ao

próprio ser, o ser humano pode se dedicar à mediação hermenêutica de si mesmo por meio da narrativa de si. Por outro lado, a identidade narrativa recupera a dimensão moral, pois se atém à esfera da ação do sujeito, não da sua imaginação ou vontade.⁸

A nova percepção da relação entre Literatura e História tem sido fundamental para os avanços nas demais teorias do Sujeito contemporâneo. No entender de Tzvetan Todorov⁹, a obra literária é, ao mesmo tempo, história e discurso. É história, porque dá conta de uma certa realidade, de acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que podem ser confundidos com os da vida real. E é discurso, porque constitui um narrador que conta a história para um leitor/ouvinte que a recebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador os dá a conhecer ao leitor/ouvinte.

Enquanto história, ela apresenta as ações de determinados personagens à medida que elas evoluem e que eles se relacionam entre si. Enquanto discurso, a fala do narrador ao leitor agrupa-se ao redor de três procedimentos: o tempo da narrativa, ou a relação entre o tempo da história e do discurso; os aspectos da narrativa, ou a maneira pela qual a história é percebida pelo narrador; e os modos da narrativa, que dependem do tipo de discurso utilizado pelo narrador para tornar a história conhecida.

⁸ DA CONCEIÇÃO, Edilene Maria. A relação entre a identidade narrativa de Paul Ricoeur e a identidade política de Hannah Arendt. In: Revista *Estudos Filosóficos* nº 6 / 2011 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967 <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG Pág. 65-74.

⁹ TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: *Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 209-254. A teoria científica da narrativa chama-se *Narratologia*. A Narratologia é a teoria das narrativas, textos narrativos, imagens, espetáculos, eventos; artefatos culturais que “contam uma história”. Esta teoria ajuda a entender, analisar e avaliar as narrativas. BAL, Mieke. *Narratology: introduction to the theory of narrative*. 2. ed. Toronto: University of Toronto Press, 1997. p. 3-15.

Compreensão semelhante tem também modificado as abordagens à religião com a revalorização dos mitos e do discurso narrativo religioso em geral. Além de Crites e Barthes, já mencionados acima, William A. Beardslee aproxima a narrativa do mito ao descrevê-la como a forma privilegiada do discurso religioso.¹⁰ Não se pode separá-la enquanto proclamação religiosa daquele discurso que descreve a experiência religiosa humana. Toda sociedade humana reconhece a existência de narrativas com finalidade religiosa. Conforme Beardslee, a “narrativa apresenta o verdadeiro presente, o presente que é ‘presença’, a presença da realidade divina”.¹¹ À medida que a Religião reencena a narrativa religiosa, ela presentifica o passado, inserindo o ouvinte nela possibilitando-lhe experimentar o que narra como ato de salvação.

Os estudiosos do campo da Análise do Discurso têm se dedicado ao estudo de narrativas, sob diversos aspectos: verbais, orais ou escritas; musicais; gravuras em livros de histórias infantis; imagens visuais em fotografias e pinturas; um acontecimento e as versões de cada participante; vídeos, onde sons, imagens, sabores e cheiros são misturados; grupos sociais: gangues de rua; notícias de jornais, também chamadas, novas histórias; consultas médicas; revistas em geral.¹²

Para eles, é consenso que:

[...] a análise da narrativa é uma importante tradição dentro da análise do discurso. Ela lida com um gênero de comunicação pervasivo, através do qual nós realizamos importantes aspec-

¹⁰ BEARDSLEE, William A. *Literary criticism of the New Testament*. Philaldepchia: Fortress Press, 1970. p. 14-29.

¹¹ BEARDSLEE, 1970, p. 15.

¹² LABOV, William. The transformation of experience in narrative. In: JAWORSKI Adam, COUPLAND Nikolas (Eds.). *The discourse reader*. London/New York: outledge, 1999. p. 221-235; BELL, Alan. News Stories as Narratives. In: *Idem*, p. 236-251.

tos de nossas identidades e relações uns com os outros. É parcialmente, através da análise do discurso narrativo que nós compreendemos o mundo e apresentamos nosso entendimento dele aos demais.¹³

A Psicologia tem sido campo de frutíferos exercícios do novo paradigma epistêmico, a ponto de se mencionar o surgimento de uma *narratologia psicológica*.¹⁴ Através da narrativa, textos e contextos amplos da existência humana podem ser mais diferenciados, facilitando o seu processo interpretativo. As memórias, histórias de vida e o próprio Eu são organizados conforme padrões ou estruturas narrativas, e a compreensão de como estas funcionam também ajuda na interpretação, explicação e justificativa da conduta humana. Desse modo, a narrativa é o meio pelo qual o ser humano fala de si mesmo, de modo fluido, aberto e dado à interpretação. É possível explorar as narrativas, sobretudo literárias e artísticas, como mundos fictícios vinculados ao mundo real ou cotidiano, e perceber as relações que o sujeito efetua entre ambos a partir de e com o próprio conhecimento que ele possui de si mesmo.

Um exemplo é a abordagem psicológica narrativa ao aconselhamento, chamada *terapia narrativa*. Por tal, se explicam ações de aconselhamento que visam: 1) constituir formas particulares de entender as identidades das pessoas; 2) certas formas de entender os problemas e os seus efeitos na vida das pessoas; 3) formas específicas de falar com as pessoas sobre suas vidas e os problemas que elas enfrentam; 4) formas específicas de entender relações terapêuticas e a ética ou a política da terapia.¹⁵

¹³ JAWORSKI; COUPLAND, 1999, p. 32.

¹⁴ BROCKMEIER, 2003, p. 526.

¹⁵ MORGAN, Alice. *O que é terapia narrativa? Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: CEPN, 2007. p. 13.

A narrativa pessoal visa a certa persuasão a partir da construção de argumentos por meio de um processo comunicativo estudado pela Retórica.¹⁶ O seu uso ajuda a perceber as estratégias argumentativas presentes na narrativa pessoal de alguém. Elas apontam para as posturas relacionais da pessoa, e se fazem presentes nos valores presumidos ou explícitos que ele dá à sua identidade pessoal, a partir de determinados lugares nos quais ela se localiza e se identifica no mundo. Esses lugares constituem os *contextos* a partir dos quais e nos quais a pessoa pode ser localizada e oferecem as perspectivas tanto do que precisa e do que não precisa ser dito e ouvido. Cabe, também, acentuar o papel do ouvinte na medida em que ele deve responder à estratégia argumentativa presente na narrativa pessoal que lhe é transmitida por quem fala.

A narrativa, ainda, possui uma função comunicativa estudada pela Teoria dos Atos de Fala e da Pragmática Linguística: o que as pessoas fazem quando estão contando suas narrativas para outras pessoas? Para responder a esta questão, pode-se examinar a teoria dos Atos de fala, de John Austin, um dos precursores da Pragmática linguística.¹⁷ As pessoas realizam quatro coisas quando narram. Primeiro, elas narram algo no mundo. Segundo, essa narrativa diz respeito a elas mesmas, a alguma coisa que elas querem ou gostariam de fazer no mundo. Terceiro, ao narrar, as pessoas esperam que o que elas pretendem se conformem de alguma maneira a algum padrão já estabelecido no mundo que lhes permita ser ou realizar o que narraram. Quarto, elas precisam agir conforme o padrão estabelecido para que o que desejam seja realizado. Os padrões conversacionais da nar-

¹⁶ A fundação da ciência ou arte da Retórica é atribuída a Aristóteles, que a definiu como: a faculdade de observar, em cada caso, os possíveis meios de persuasão, sendo a sua essência: os modos argumentativos de persuasão. Sua principal função seria o estudo desses modos de persuasão.

¹⁷ AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

rativa requerem que se reconheçam os contextos conversacionais nos quais ela é enunciada e o seu poder de se encaixar exatamente no lugar adequado da vida de uma pessoa.

Também o campo da História tem sido afetado pelo paradigma narrativo. Na compreensão de Paul Ricoeur, a historiografia pertence ao campo do discurso narrativo, porém como uma derivação deste, onde o “saber histórico procede da compreensão narrativa sem nada perder de sua ambição científica”.¹⁸ Na atualidade, diversos historiadores-narrativistas procuraram aproximar a história do gênero narrativo, até substituindo aquela por este. Existe um laço indireto entre o saber histórico como derivado da inteligência ou compreensão narrativa. Assim, o saber historiográfico, por pertencer ao campo da narrativa, deve aprender com a forma narrativa a tessitura da intriga que conduz não à explicação do acontecimento, mas à sua compreensão em uma teia de ações possíveis. A história vai além da compreensão narrativa, sendo uma reflexão crítica sobre a compreensão adquirida dos acontecimentos, para a qual a compreensão narrativa funciona como quase-intriga, quase-acontecimento, quasepersonagem.¹⁹

Os historiadores-narrativistas aos quais se refere Ricoeur são reunidos no campo da (Nova) História Cultural, no dizer de Pesavento, a grande virada nos estudos históricos modernos.²⁰ Segundo ela, a crise dos paradigmas, dos anos 70, precipitou o surgimento de várias vertentes desenvolvidas a partir de uma Nova História Cultural: a História como discurso sobre a história (Foucault), a História como narrativas da história (Veyne), como ficção (White), como fazer a história (de Certeau), como reinvenção do tempo (Ricoeur). Esta arqueologia revolve os parâmetros

¹⁸ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. v. I, p. 134.

¹⁹ RICOEUR, 1994, p. 327.

²⁰ PESAVENTO, Sandra J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

epistemológicos do conhecer e fazer a história e coloca outros no seu lugar. O historiador se torna um narrador e o texto histórico é um meio de traduzir o *Outro* imaginário ao destinatário, que é o leitor.

Narrativas ou histórias de vida ou pesquisa (auto)biográfica tem-se tornado novo campo de estudos nas Ciências Sociais e, particularmente, na pesquisa etnossociológica, a partir da ampliação da técnica de estudos de caso.²¹ A questão epistemológica tem a ver com a valorização da ação individual para esclarecer fenômenos coletivos inerentes à extensão de uma vida durante toda a sua duração. A ideia é que fenômenos sociais como as relações e mecanismos sociais, as lógicas de ação, etc, são melhor compreendidos quando se tem acesso às narrativas de vidas individuais que relatam suas ações e reações perante fenômenos coletivos. A soma de um número razoável de narrativas de vida oferece um olhar desde dentro dos fenômenos, com enfoque na ação enquanto ela é ou era desenvolvida. Esta pesquisa que visualiza do particular para o geral, permite assemelhar e contrastar realidades sociais diferentes a fim de representar o espaço social destinado a cada indivíduo conforme atua nele.

Na teoria educacional, Paulo Ghiraldelli Jr. advoga que a nova condição pós-moderna requer uma nova teoria educacional pós-moderna, ou, no seu dizer: *pós-narrative turn*. Segundo ele,

...vivemos em uma época em que vários intelectuais têm consciência de que a filosofia, a ciência, a história e a story, e inclusive a ficção, não podem mais ser hierarquizadas através de uma metafísica ou, mais modernamente falando, através de uma epistemologia.²²

²¹ BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida. A pesquisa e seus métodos*. Natal/São Paulo: EDUFURN/Paulus: 2010. Este tipo de pesquisa se apoia na pesquisa de campo e nos estudos de caso, de inspiração etnográfica, mas sustentada por modelos de referência ligados às problemáticas sociológicas.

²² GHIRALDELLI JR., 2002, p. 61.

Isto significa três coisas. Primeiro, que o processo educativo não pode começar pela apresentação da realidade, mas pela consciência de que existem inúmeras descrições da realidade. Segundo, que as narrativas ou teorias da realidade não têm sentido em si mesmas, a não ser em relação com aqueles contextos nos quais elas ganham significado. Terceiro, que o resultado não tem que ser necessariamente alguma ação na realidade, mas a construção de novas narrativas acerca dela, a partir de novas metáforas. O que se pode fazer, no terreno epistemológico, é discutir quanto à semantização das palavras, isto é, distinguir entre o dito literal e o metafórico. Uma metáfora tem dois conteúdos: um literal, certo significado atribuído segundo a intencionalidade do seu autor; e outro poético, certo caráter inspirador, motivacional, de impacto. Quanto a este, a função da metáfora não é portar uma mensagem que dê significado ao mundo, mas abrir possibilidades de se pensar o mundo de modo diferente e de redescreve-lo a partir de novas utopias.

Este movimento paradigmático não poderia escapar à Teologia. A discussão acerca da epistemologia para o saber teológico remonta ao teólogo católico Johan Baptist Metz.²³ Conforme Metz, a força de uma experiência de fé não pode ser reduzida a um raciocínio argumentativo nem mesmo a fórmulas dogmáticas e nem a procedimentos rituais. Sobretudo a afirmação bíblica de que a existência humana possui um início, um fim e algo novo que há de vir, requer, como forma de expressão, a estrutura narrativa. Diferentemente de uma teologia que se perdeu em um labirinto de abstrações conceituais, e de uma religiosidade cristã que se obscurece por trás de seus rituais, a narrativa oferece à experiência de fé uma maneira prática de expressar as inacessíveis ideias cristãs e de tornar presente os obscuros símbolos cristãos.

²³ METZ, Johan Baptist. Pequena apologia da narração. In: *Concilium* 5 (1973) 580-592.

Para Metz, a dificuldade de realização da teologia reside no privilégio histórico que ela concedeu à argumentação e interpretação em detrimento da narração. E, em igual medida, este privilégio provocou o distanciamento entre a elite ou cúpula intelectual teológica, apegada a uma forma argumentativa, da base popular, apegada a uma forma narrativa, ainda que ambos desejassem expressar a sua vivência da fé cristã.

Sendo a narrativa referida à experiência imediata que se faz da fé, enquanto a argumentação é o momento segundo desta experiência, é evidente que esta domestica a fé, tornando-a acrítica e pouco relevante socialmente. Assim, um retorno à forma narrativa significa uma retomada do sentido pastoral da narração, em uma aproximação das bases populares do cristianismo e de uma crítica social que resulte em atuação relevante nos dias de hoje.

A questão se torna mais aguda quando se pergunta pelo sentido teológico da narração, ou sobre como a narração se constitui como meio de salvação e história, desde que a salvação se dá a partir do agir reconciliador de Deus em Jesus Cristo em meio à experiência histórica humana de culpa, finitude, sofrimento e morte. Esta questão envia a narração para a própria estrutura da teologia, concebida como uma estrutura narrativa, estabelecendo umnexo entre narração e argumento, pois no fundo e na origem de toda teologia da salvação está a recordação narrativa do sofrimento de Jesus Cristo em favor de todos os que sofrem.

Conclui Metz que a perda da narração se deu quando a teologia moderna adotou a razão crítica histórica como padrão para avaliação e reprodução da sua argumentação. Desse modo, toda a tradição cristã que era transmitida de forma recordativa-narrativa, foi submetida ao critério da racionalidade crítico-histórica e substituída por seus padrões e modelos de julgar o passado. O retorno às tradições de caráter recordativo-narrativo requer que se faça a crítica da razão histórica e seja esta desalojada do seu

lugar desde o qual sujeitou a teologia a uma total desnarrativização da experiência cristã de fé. Ao invés de uma história, a teologia deve se debruçar sobre as suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento adicional desta pesquisa deveria explorar, identificar e coletar na literatura nacional e internacional, a discussão contemporânea acerca do paradigma epistemológico narrativo. A seguir, de modo indutivo, analisar, classificar e descrever o material recolhido, visto que se tratam de textos específicos capazes de aglutinar aspectos abrangentes a mais de um campo de estudos do Sujeito contemporâneo, de modo a evitar a sobreposição de temas e discussões assemelhados. Ao final, ela seria útil para avaliar as possibilidades do paradigma epistemológico narrativo que vem se impondo atualmente.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAL, Mieke. *Narratology: introduction to the theory of narrative*. 2. ed. Toronto: University of Toronto Press, 1997.
- BELL, Alan. News stories as narratives. In: JAWORSKI Adam, COUPLAND Nikolas (Eds.). *The discourse reader*. London/New York: Routledge, 1999. p. 221-235.
- BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BEARDSLEE, William A. *Literary criticism of the New Testament*. Philadelphia, Fortress Press, 1970.
- BERTAUX, Daniel. *Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos*. Natal/São Paulo: EDUFURN/Paulus: 2010.
- BROCKMEIER, Jens. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. In: *Psicologia: reflexão e crítica* 16/3 (2003) 525-535.
- CRITES, Stephen. The narrative quality of experience. In: *Journal of the American Academy of Religion*. Vol. XXXIX (set/1971) 291-311.
- DA CONCEIÇÃO, Edilene Maria. A relação entre a identidade narrativa de Paul Ricoeur e a identidade política de Hannah Arendt. In: Revista *Estudos Filosóficos* nº 6 /2011 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967 <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos> DFIME – UFSJ - São João del Rei-MG, Pág. 65-74.
- FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1999.
- GHIRALDELLI JR., Paulo. *Filosofia da educação*. 2. ed. São Paulo: DP&A, 2002.
- LABOV, William. The transformation of experience in narrative. In: JAWORSKI Adam, COUPLAND Nikolas (Eds.). *The discourse reader*. London/New York: Routledge, 1999. p. 221-235.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- METZ, Johan Baptist. Pequena apologia da narração. In: *Concilium* 5 (1973) 580-592.
- MORGAN, Alice. *O que é terapia narrativa? Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre: CEPN, 2007.
- NARRATIVE. In: PRINCE, Gerald. *Dictionary of narratology*. Nebraska: Lincoln & London, 2003. p. 58-61.
- PESAVENTO, Sandra J. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994. v. I.
- TODOROV, Tzvetan. *Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.